Clepsidras
de
Sangue
Maike Cabral

Poemas sobre o tempo e a carne no Espírito

2021

Entre o leão e a balança

Estás, ó mulher, sempre no meio
Sublime, luzida, ditosa
Como uma plácida ventura formosa,
Que transporta a todos – abrolhos – no seio.

A justiça a ti escuta como um feliz saltério,
Pergunta como deves ser com estes seus frêmitos,
Maculados insólitos – em trêmulos
Tua interrupta vida é mistério.

O rugido que lhe antecipa, ó virgem! aponta a medida adiante,
Não há quem escape ao fremer ante tal eterno império,
Somente o réprobo célere jamais mendicante.

No céu ou na terra – no crepúsculo ou na aurora;
No corpo padecente ou no corpo militante,
Nada se impõe ao olor glorioso desta revenida Senhora.

Os homens gritam, mas o Senhor é um leão devorador de pecados
Enquanto palpitam frenéticos em seduções desancoradas
Fendidos meio à deriva, em palpitas sombras caladas
O penhor da justiça não contrabalança meados

Antes impõe o teor de seu pleno
Gozo salutar, vívido – mudo remito
Enquanto, com jarro aquoso, banha-nos a mãe do meio!

A fábrica do Porco-Sujo

Existem inúmeras formas de se errar um cálculo,
Mas a resposta correta sempre será unívoca,
Por mais que se rebole e torça – numa assíntota,
Sempre será o tentar por demais inóculo.

Encontramos, como num enxame
Os erros esgarçarem-se ao milheis,
Com caldos côncavos, em quadrados tonéis,
Sem que nada exija um exame.

Infames pilhéricos, barcos sôfregos, múmias paralíticas do além
Sorvendo o sangue relutante dos mamíferos elétricos
Águas mornas cuspidas ao acaso – amém!

Ventres corrediços e histéricos
Por gambitos diabólicos são assaltados
Revirados nas telas, avessos etéreos

Donde toda a imundície escoa
Da fábrica de sonhos apichelados
Onde seus languidos tensos prelados
Agilizam a limpa da proa.

Ó, homens de glúteos mimados!
Sentados mofados ridículos em estofados
Gorgolejam por azeites lépidos da vida boa.

A cova dos verdes

Num inútil espaço, te encontrei
Perdida entre milhares de asnos rocambolescos, perguntei
Onde foi mesmo que vim parar?

O mundo jaz num colorido tão atroz que minhas vistas ardem geladas
Num esquife mortuário de beneplácitos zombeteiros
Onde o homem sentado à sombra das frias lavas vulcânicas pestaneja.

Nesta cova nada há que não seja pecado,
Rodeado de luzes estão as sombras salpicadas dos mortos
A luzir, serpenteados e tortos
Nos que calculam o mal pelas excrecências dum celerado.

É verde e assaz robusto
O olho por detrás do arbusto que me candeia
Verde como um limão em chamas
E ardente como a solidão das cadeias.

É neste buraco veríssimo que eu e você nos encontramos
Salmodiando aluviais hostes cálidas
Bebericando cedros vasos negros.

Mictórios não binários

Vede estes vasos de branca ternura
Pendurados ao léu, assentes tonsuras
Acima do chão, abaixo dos céus
Feitos – por capricho – distantes dos véus

Mulheres em peso procuram achacar
Um meio, um destino, um ponto a encaixar
Seu sentido matreiro da flor bem petiz
Neste encontro anatômico – algo me diz...

São tão broncos aqueles que não confiaram
O modo fortuito, a nós secundado
Esperamos, então, natureza em cordato
Mover, refazer o que não nos tornaram.

(A muitos urros em rincões)

– Brademos por nós, Ó mictórios não binários!
– Aqueles que salvam micróbios escusados,
Meninas sensíveis a vós, perturbados.

Falésias sublunares

Ventos e escarpas denotam o caráter austral
Da nubla luz do inverno que lima o peito arredio
Defronte, um olho em chamas, cortante semblante vazio
Que erosa esperanças de vida sepulcral.

Estático, em íngreme esguia – aos pés, macilentas águas litorâneas
Elas, que evocam o distúrbio e caducidade do mundo
Sublunar, de olhar profundo,
Mente tumultuosa pelas crias faces cizânias.

Lhes digo: meu medo não é vento ou água
Sequer o calor da infâmia ardida
É ser paredão silencioso – disruptivo no nada.

Morri muitas vezes, teimando de pé
Fitando sem olhos a balaustrada limítrofe
Sondando nosso divino artífice
Contrário de mim, aquele que é.

Nuvens passageiras caem como pedras
Sobre gaivotas mortas e peixes voadores que se perdem pelo caminho
Como arribas fósseis altas – abruptas – marcas de costeiras quedas.

É pela fricção dos pecados que a erosão principia
Esculpindo na firme face passiva uma imagem de eterna alegria.

Crianças ratazanas

Alvos de berdamerdas e onagros flácidos do ensino laico
Manjares de lépidos bruxuleantes sevandijas
Bonifrates da nova ordem que se impõe em lombos por cravijas
Corolários plásticos de um torpe candor prosaico.

Eis nossas crianças, leves esperanças, bálsamos temidos.

Nossas pequenas arvores benditas
Serradas pelas armas linguiformes de histriões dendroclastas
Intrujões, falsos ícones, liliputianos em almas pratas
...soez sortilégio da irmã – *caritas.*

Quereis nossas crianças, leves esperanças, bálsamos temidos.

Valdevinos da cura febril rastejam aos límpidos pés para acariciá-los
Com suas veias de cobre, fios de sangue
No lodo perverso dum furbesco mangue
Escatófilos mestres funerários culminam em abraçá-los.

Perdeis nossas crianças, leves esperanças, bálsamos temidos.

Cumbas sórdidas da perdição a temer!
Abjetos cálices díscolos!
Edazes papa versículos!
A parte da anatomia usada para descomer.

Bargados são os que criam pela língua – esparros – crianças ratazanas.

Vendilhões do tempo

As coisas mudam porque são coisas
Movem-se porque são pesos
Crescem, pois são medidas
Morrem, pois vivem tempos.

Há quem diga que são eternamente fendidas no caos, mas fadadas ao céu,
outros, proclamam ser inanes que roncam abismais em panegíricas lástimas finais
onde trancafiam! as celestes portas sob eflúvios ao léu.

Minerais premidos, eis as imanências sensuais,
entreunidas – nisto – em demências óbices que
deslizam ferrolhos aos pródigos nóxios e embebidos animais.

O tempo passou – e com ele o passo do vento
atento a distúrbios cronométricos que o mau decurso escorreu
ante os toques versados de pródromos tácitos do breve lamento.

São eles – tais vendilhões – os *númenos* descompassados,
que ditam o rolar circumambulante das lanças temíveis
onde alminhas reviradas tremelicam irremíveis
ante o contar estático dos mestres *dodekaoros*.

Orações peripatéticas

Caminho, e pelo caminho falo com o autor de tudo
Dou passos, e sobre traços desenho súplicas a favor do mundo
Percorro, e enquanto corro (da nódoa esparsa) verso plácidas em unidade.

Esta é a noção do dia: uma vida que caminha até a Vida
Um andar que penetra em meio a vinha
Em júbilos máximos a favor da Verdade.

Andejar enquanto rezo, marchar sobre meu credo,
Morrer em peregrino.

Os pés são feitos para mover e sorver a aureola dos afortunados
Ricos filhos de um Pai solícito, membros ativos da sútil jornada
O Espírito corre junto ao réprobo arrependido.

Perdido entre lusco fuscos, aviso
Que falar ao céu é tão simples quanto olhar algo sem perturbar
É como ditar pronúncias sóbrias antes do tempo amortalhar.

Andejar enquanto rezo, marchar sobre meu credo,
Morrer em peregrino.

Calcorrear, eis nossa sina! com farpas alegres na sola fina!
Pois falecer é parar de andar
E encontrar o ouvido das mais núbeis ladainhas.

Morrer em peregrino é orar enquanto não cessa a tua hora.

Más caras

Não temos faces – mas falaces
Não tememos chaces – mas enlaces.

Eutérios de adultérios, somos vindimos festivos
Róseos maus silícios, préstimos mercados.
Andamos atoa frente à proa, mórbidos, num vento em polpa
Acanhados feito cânhamos dentre fenos amealhados
Qual sórdidos comprimidos, escapados aos bilontras.

Na penumbra da noite morta, a rota foi-se ao combalido
Sofreada na foice aguda dum destemido que esconde feições da porta amorfa.
Seu medo é o caos passageiro de letras frívolas num papel picado
Onde notas tocam plenos ouvidos no surgir de emedos avitualhados,
Pois ventos áspides cortam navalhas cegas em meio a pragas do servil assalto.

Supedâneo, subi aos píncaros do horror ao ver meias-caras desfilarem no abismo das sarjetas!

Rachadas ao meio, as más felícias não sorriem ou despejam formas labiais, nasais, nem ao menos melenas em seus buços ancestrais

Neste bambaré das delícias, escorrem suas vísceras na dipsomania das palmas
(eis que um renuído escapa sobre meus ombros), tão abnóxias são as animálias...
Então surto; Ó, más caras mangradas! Por que ginges frente os bramidos de mestres tão cavouqueiros?

Ante tal desespero, só me restou um suspiro mouco:
– *É no caudilho bostífero que as catraias traem seu esposo desvalido.*

Mer Caspienne

Ao Sul, profundezas habitam meu corpo
No centro, uma certa proporção exorta felizes navegantes
Pelo Norte, os pés tocam sedimentos antigos
Retidos entre nações e costas elementares de furtivas áspides.

Pesado e lento, redobro atenção aos pequenos tugúrios
Que se alimentam de algo valoroso entregue sem volver.

A impressão de um infinito recobre minha superfície,
Mas o que está no fundo denota o turvo caráter longínquo
Que das margens explode sobre sais solvidos,
Estáticos, retendo a luz na negrura transparente.

Em nervuras aparentes,
Recebo o logro dos envolvidos,
Resumido, à porção oceânica onde não movo
Mais que o proibido, menos que o necessário.

Aqui existem limites inquebrantáveis
Bordas tênues definidas
Brisas fugidias ao acaso.

Jamais confunda um lago análogo com o mar absoluto.

Laudes perdidas

Abrindo os olhos não te vemos, pois nem a nós veremos
Tamanha a manha que assombra o remendo de clarificada foz embusteira,
Pulando do sonho, rechaçando as cobertas, de íris meio incertas
Onde até outra vida diária nos movemos.

A luz já desperta, banhando pássaros estribilhos,
Vislumbra dentes escarnecidos cultuando plátanos escapados.

Murmúrios e sons vidrentos rasgam o silêncio que te consola
Sento-me para ti, ó impalpável, revirando os olhos a tua orla
Capaz de milagres irremissíveis, desejos que nos arvoram.

É santo e estranho este momento, mas a tibieza enoja tal creio que o adora!
Não quero sair deste leito de amor, sem pés e encosto
Vazio, pleno, sutil,
Fora do tempo, feito de aurora.

Descobri e morri neste exato momento!
Quando canto louvas a tua glória
Em meu deserto sombrio
Retido num vento que te implora.

Quanto perdi ao rebulir anseios que não se demoram...
Em sonolentas discórdias frias
Entre paredes de madrugadas mortas.

Clepsidras de sangue

Medir o tempo é nossa soez virtude...
Ao gravitar como ampulhetas em vasto nível cadente
Embriagados, ao sorver calado do sumo solvente
Sangue que escorre por linear solicitude.

Ocultar – roubar – não há água onde exista o escorrer rubro;
Não podemos medi-lo, senão pela própria *Torre dos Ventos*
Entre vasos comunicantes de superiores drenos
(Isto é sempre incerto e assaz obscuro).

Auridos são ubíquos apanágios propelidos ao horizonte,
Refrigério das mais duras penas...
Como pródomo deste prazer importuno.

Estes marcadores de movimentos, que somos nós,
São mudanças vivas e arremetidas
De desesperos alucinados que porfiam feridas
Enquanto, parados, construímos abismos sem voz.

Não queira conter o que está contido...
Num move e sacode dum pretenso mito!
Em ritmo azedo, às malsinares vias:

Seguem claudicantes as clepsidras de sangue, contando o tempo que não se tem conta.

†